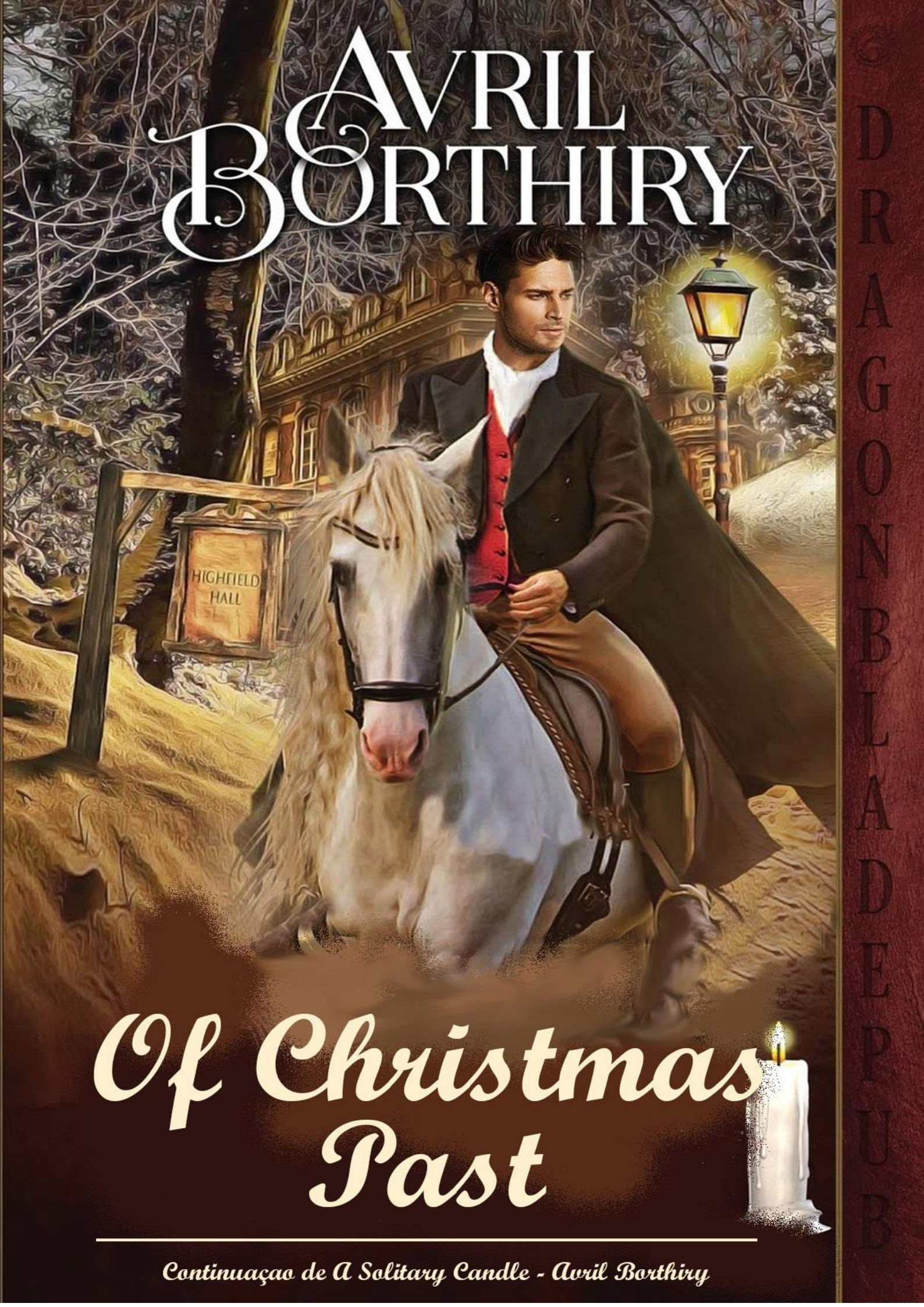

AVRIL BORTHIRY
HIGHFIELD HALL
Of Christmas Past
Continuaçao de A Solitary Candle - Avril Borthiry
DRAGONBLADE PUB


Calíope

Staff

Tradução: **Pallas**

Revisão Inicial: **Calíope**

Revisão Final: **Afrodite**

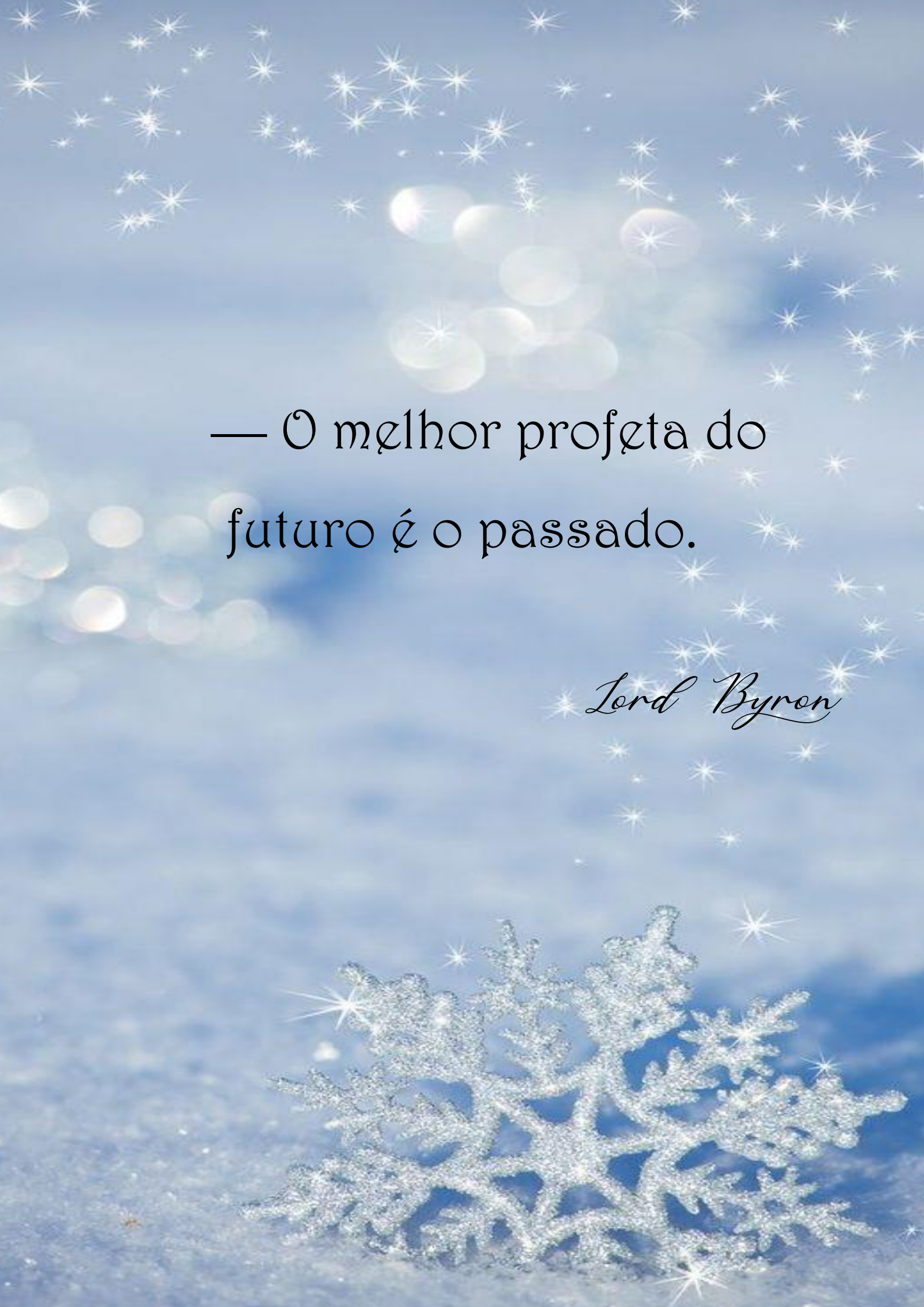
Leitura Final: **Afrodite**

Formatação: **Afrodite**



Of Christmas Past

O prequel deste livro descreve como Aldous e Grace se conheceram, é chamado de *A Solitary Candle*


— O melhor profeta do
futuro é o passado.
Lord Byron

Capítulo Um

Pont au Double, Paris

Sexta-feira, 13 de dezembro de 1844

JOSIAH NUNCA TINHA SIDO capaz de recriar o reflexo da luz da lâmpada a gás na água. O fascínio hipnótico disso, o conceito de movimento, sempre escapou às suas pinceladas. A pintura em sua mão não era exceção. Ele o havia completado duas noites antes, quando o céu estava sem lua e um vento temperado do Sul anulou a necessidade de um lenço. O Sena era sempre mais bonito à noite, ele pensou. Uma artéria cintilante de luz e escuridão, fluindo pela cidade.

Como artista, ele sempre falhou em fazer justiça a arte.

Em toda Paris, a Pont au Double sempre foi seu lugar favorita. A velha ponte de pedra ligava a Rive Gauche à Île de la Cité, onde a grande catedral de Notre Dame se erguia por mais de seis séculos. Ele vinha aqui com frequência, quase sempre depois de escurecer e em todos os tipos de clima. Esta noite, com o vento soprando do Norte, definitivamente precisava-se de um lenço. Por causa do frio intenso, havia menos gente por perto.

Apesar de estar de posse de seu lenço, Josiah suprimiu um arrepio ao olhar para a catedral. Em particular, sua magnífica janela

circular. O brilho fraco da luz das velas cintilava através do vitral, criando um caleidoscópio de cores silenciado, um efeito que não podia ser visto à luz do dia. Daí suas visitas noturnas. A janela era o que o atraia a este local, vez após vez. Pois isso o lembrava de casa.

A essa altura, seus pais já teriam acendido a vela solitária que queimava todas as noites na janela circular de Highfield Hall. Há muito era uma tradição familiar, feita em memória de seu tio Julian, que fora lutar contra Napoleão em Waterloo e nunca mais voltou.

Desde sua partida na véspera de Natal, quase cinco anos antes, Josiah também não havia voltado para Highfield Hall. Mas, ao contrário de tio Julian, sua despedida não foi heroica. Ele não tinha cavalgado para lutar em algum campo estrangeiro, levando consigo esperanças e orações por seu retorno seguro.

Não, a partida de Josiah ocorreu em uma tempestade de granizo de fúria, uma batida de portas e a declaração de um voto de nunca mais voltar. A sua rejeição rebelde da tradição. O ato de um menino que erroneamente acreditava ser um homem. Ter nascido Northcott não o obrigava a aceitar a comissão de um oficial, ou mergulhar na política, ou se casar com uma garota idiota e risonha. Para o inferno com as velhas ideologias de seu pai. Josiah queria escrever, pintar, viajar pelo mundo. Para experimentar a vida como bem entendesse.

— Vou te mostrar, — ele murmurou furiosamente, enquanto selava Constable e partia em busca de seus sonhos boêmios. — Vou mostrar a todos vocês!

Ele tinha mostrado a eles, certo. Aqui estava ele, quase cinco anos depois, preso à pobreza por uma corrente forjada a partir de más escolhas. Seu tempo foi desperdiçado, assim como seu dinheiro. Foi

divertido por um tempo. Jogo, bordeis, noites passadas nas garras eufóricas do ópio. Houve até alguns momentos sóbrios em que ele conseguiu passar tinta no papel e ganhar alguns francos. Eventualmente, entretanto, tudo se foi, incluindo seu cavalo. O sonho boêmio de Josiah se tornara tão surrado quanto suas roupas. Ele tinha sido um idiota.

No entanto, apesar de ver o erro de seus caminhos, ele não conseguia reunir coragem para voltar para casa. Ele podia admitir o fracasso para si mesmo, mas não para sua mãe ou seus irmãos. E especialmente para seu pai. Isso presumindo, é claro, que seu pai o deixasse voltar para casa.

Não. O abismo entre ele e sua família havia crescido muito para que qualquer ponte fosse construída. E o Natal, mais do que qualquer outra época do ano, o lembrava disso.

Uma sensação repentina e opressora de desespero se abateu sobre ele, e as lágrimas turvaram sua visão enquanto ele olhava para a pintura mais uma vez. Isso ilustrava sua vida de alguma forma. Uma tentativa fracassada de capturar um ideal. Uma confusão de contornos defeituosos e pinceladas desajeitadas. Algo defeituoso e totalmente inútil. Ele se inclinou sobre a parede de pedra da ponte e balançou a pintura sobre a água.

Ele deixou cair.

O vento a agarrou e a jogou no rio, com o lado direito para cima. Ela flutuou por um momento, balançando como uma pequena jangada. Então, como se de repente o rio percebesse que havia sido oferecido um sacrifício, ele tirou a pintura de vista e puxou-a para as profundezas.

Josiah continuou a olhar para o local e se perguntou como a água estava fria.

— É frígida, — uma voz disse, — então eu confio que você não está pensando em seguir seu trabalho artístico. Uma vez lá, você não terá chance de mudar de ideia. Se o frio não matar você, a poluição o fará.

Assustado, Josiah se virou e viu um homem parado ao lado dele. Ele lançou um olhar rápido ao redor, perguntando-se de onde o sujeito tinha vindo, já que não havia notado ninguém por perto. O homem era tão alto quanto Josiah, com traços envelhecidos, mas bem definidos. Uma mecha de cabelo branco, ondulando sobre suas orelhas, contrastava fortemente com sua cartola preta. O resto de seu traje escuro sugeria riqueza, embora seu estilo parecesse um pouco fora de moda. Suas mãos enluvadas estavam apoiadas na parede da ponte enquanto ele olhava para o local onde a pintura havia desaparecido.

Josiah não respondeu. Em primeiro lugar, porque o homem se dirigiu a ele em inglês, o que o irritou. Afinal, era Paris. Não era Londres. E em segundo lugar, porque a observação do homem fora estranhamente pertinente e surpreendeu Josiah.

— Seria uma pena, devo dizer, — continuou o cavalheiro, ainda falando inglês. — Você obviamente tem talento. Achei a pintura muito boa.

— O que você sabe sobre isso? — Josiah perguntou a ele em francês, despertando a curiosidade sobre este visitante enigmático. — Você é um especialista em arte?

— Não sei se existe tal coisa, — foi a resposta, ainda em inglês. — A opinião de alguém sobre arte é, afinal, subjetiva. Eu simplesmente sei do que gosto. Obviamente, você também tem aptidão para a

linguagem, já que não ouço nenhum vestígio de seu sotaque inglês. O que havia de errado com a pintura, em sua opinião?

Quem...? Os pelos da nuca de Josiah se arrepiaram. Ele falou em inglês.

— Eu conheço você?

— Não, você não precisa.

— Então, como você sabia que eu era inglês?

— Só um palpite. Responda a minha pergunta.

— Que pergunta?

— O que havia de errado com a pintura?

Josiah piscou. Quem era esse sujeito estranho? E de onde ele veio? Ele olhou em volta novamente, não vendo ninguém por perto. Nem uma única alma solitária, de fato, o que em si era bastante peculiar. Apesar do frio, ele esperava ver *alguém.* Paris nunca parava. Nunca dormia. Ele estava sonhando? Alucinando, talvez?

Talvez o frio o tenha afetado.

— Bem? Diga-me, jovem senhor. Por que você jogou no rio? O que há de errado com ela?

Josiah abriu a boca, pretendendo, a princípio, dizer a essa pessoa intrusiva para cuidar da própria vida. Mas a voz do homem tinha uma sugestão genuína de interesse. Preocupação, até. Tocou algo vulnerável, bem no fundo de Josiah.

— Tudo estava errado com ela, — respondeu Josiah, cerrando os punhos. — A forma como a luz refletia na água. O movimento. O

contraste. Vejo isso claramente em minha cabeça, mas nunca consigo recriá-la em minhas pinturas.

O cavalheiro ergueu um pouco o queixo e olhou para Josiah.

— Suspeito que você está aqui há muito tempo, meu rapaz, — disse ele. — Provavelmente é hora de você ir para casa.

Josiah suprimiu outro arrepio.

— Obrigado por sua preocupação, e sim, provavelmente deveria. — Na verdade, ele sabia que seu pequeno sótão não seria muito mais quente, mas pelo menos ele estaria fora deste vento raivoso. — Está muito frio aqui esta noite.

— Eu quis dizer minha casa em Highfield Hall, — disse o homem. — Engula esse seu maldito orgulho, sim, Joe? Não há vergonha em admitir que você cometeu um erro.

Josiah balançou a cabeça, certo de que deve ter ouvido mal.

— Como você...? — Ele esfregou a têmpora. — Quem diabos é você?

— Quem eu sou não importa, — respondeu o homem. — Por que estou aqui, sim. E estou aqui para ajudá-lo a ver o sentido. Essa tentativa valente de seu sonho boêmio já durou bastante.

— Meu pai mandou você? — O coração de Josiah disparou. Ele tinha uma fantasia secreta de que seu pai poderia contratar alguém para encontrá-lo. Alguém que iria dizer a ele o quanto ele sentiu falta e insistiu em levá-lo para casa.

— Não, ele não mandou. Seu pai não tem ideia de onde você está.

Tanto para isso. A pequena bolha de esperança de Josiah estourou.

— Então como você sabe sobre Highfield?

— Você não acreditaria em mim se eu contasse.

— O que diabos isso significa? E como você sabe meu nome?

— É difícil de explicar.

— Essa não é uma resposta aceitável, senhor. — O que restou do orgulho de Josiah levantou suas defesas. — Não sei quem você é ou do que se trata, mas acho que precisa cuidar da sua própria vida. Não importa o que você ou qualquer outra pessoa faça ou diga, nunca voltarei para Highfield.

— Por que não?

— Porque... — Ele lançou um breve olhar para a janela circular. — Porque jurei nunca mais pôr os pés naquele lugar, e eu quis dizer isso. Meu pai e eu não concordamos em muitas coisas e saí em maus termos. Tenho certeza de que não seria bem-vindo.

— Hmm. — O homem franziu a testa. — Eu gostaria de ter a chance de mudar sua opinião sobre isso.

— Você estaria perdendo seu tempo, — respondeu Josiah. No entanto, mesmo enquanto ele falava as palavras, uma pequena centelha de interesse, em algum lugar bem no fundo, ganhou vida. Qual era o interesse desse homem? Qual era o seu motivo?

— Você vai pelo menos me deixar tentar?

— E o que, precisamente, isso implicaria? — Josiah exigiu. — Deixe-me adivinhar. Uma palestra chata sobre como um filho deve honrar e obedecer a seu pai. E provavelmente um sermão entregando a culpa pela carga de excesso do balde. Estou certo? Obrigado, mas não.

— Não seria nenhuma dessas coisas, — respondeu o homem. — Eu só preciso de uma noite em sua companhia. Isso é tudo.

— Uma noite na minha...? — Os olhos de Josiah se arregalaram. Então ele riu de uma compreensão repentina e nauseante. — Oh, então *é* isso. Cristo. Você realmente acha que sou tão vulnerável? Está tão difícil? Lamento desapontá-lo, senhor, mas temo que tenha sido completamente enganado. Não sei com quem você está falando, mas tem a ideia errada ou a informação errada.

— E você tem o hábito de entender mal as pessoas. — O homem deu um suspiro. — Eu sugiro que você pense sobre o que eu disse.

Josiah retribuiu o sorriso, embora o seu não fosse caloroso.

— Não preciso pensar sobre isso, posso garantir.

— Estarei aqui amanhã. Mesmo horário.

— Considerando que eu não virei.

O homem tocou a aba do chapéu.

— Para o seu bem, jovem senhor, espero que venha.

— Eu... — Josiah pretendia disparar outra réplica, mas foi surpreendido por uma repentina explosão de risos atrás dele. Ele olhou por cima do ombro para ver um casal de braços dados, cabeças inclinadas contra o vento, vindo em sua direção. Então ele voltou sua atenção para seu estranho companheiro.

— Eu não tenho...

A lâmpada a gás próxima iluminava as pedras vazias. Uma página de um jornal jogado fora, arrebatada pelo vento, tremulava. Alguns flocos de neve errantes de uma nuvem que passava giravam como pequenas penas. Mas não havia sinal do estranho. Além do casal, ainda

caminhando de braços dados, não havia sinal de ninguém. Josiah levou a mão à testa.

Onde diabos...?

Como o estranho poderia ter desaparecido tão rapidamente? Ele não poderia ter sumido. Não, a menos que ele tivesse asas nos pés ou tivesse pulado no rio. Josiah se inclinou sobre a parede, meio que esperando ver alguém pendurado na ponte. Ou se debatendo na água. Ele não viu nada.

Confuso a ponto de ficar tonto, ele tentou organizar seus pensamentos. Ele tinha imaginado todo o encontro? Ele estava doente? Verdade, ele teve uma dor de cabeça mais cedo naquele dia. Mas ele realmente não se sentia mal. Ele apenas sentia muito frio. E estava extremamente cansado, de repente.

Desesperado.

A palavra deslizou em seu cérebro espontaneamente.

Talvez fosse isso. Ele fechou os olhos contra uma pontada de lágrimas e tentou desacelerar a respiração. Talvez seu cérebro tivesse evocado o estranho, tentando compensar, de alguma forma, seu estado de abatimento. Parecia ridículo. Mas que outra explicação poderia haver? Ele não podia culpar o álcool. Ele não tinha nenhum há dias. E ele não tinha lidado com ópio por semanas.

Tentando entender tudo o que havia ocorrido, ele mal se lembrava da caminhada de volta ao seu sótão. Quando chegou lá, conseguiu se convencer de que todo o episódio tinha sido algum tipo de alucinação. Além disso, foi provocado por seu humor melancólico e as temperaturas congelantes. Mesmo agora, com a porta da frente à vista, suas mãos e pés estavam tão frios que ele mal podia senti-los.

Tampouco ajudava o fato de ele não comer uma refeição decente há vários dias. Muitas vezes, a escolha tinha de ser feita entre aluguel e comida, sem falar no material de arte. Neste mês, o aluguel tinha prioridade. Talvez ele devesse ter ficado com a pintura, afinal. Ele poderia ter recebido alguns francos por isso.

Ele tropeçou na soleira e entrou no saguão frio e sem janelas de seu prédio degradado, seus dentes batendo tão forte que sacudiram seu crânio. O esforço de subir quatro lances de escada na escuridão total o aqueceu um pouco. Com os dedos entorpecidos, ele retirou a chave do bolso e entrou no sótão que fora sua casa no ano anterior.

Comparado com a escuridão total da escada, o apartamento minúsculo oferecia uma medida de luz, devido à pequena janela de circular na encosta do telhado de ardósia. Ele não podia olhar para a rua, mas, em noites claras, podia deitar na cama e olhar as estrelas. Ultimamente, porém, sua visão noturna do infinito servia apenas para lembrá-lo de sua solidão.

Durante o dia, a pouca luz do dia que havia era refletida em um grande espelho com moldura ornamentada, que havia sido colocado propositalmente para esse fim. Isso iluminava o espaço escuro e dava a Josiah um pouco de luz extra para pintar.

Esta noite, a temperatura dentro da sala estava quase tão amarga quanto lá fora. Ele tirou os sapatos e se arrastou para baixo dos cobertores completamente vestido, o colchão cedendo enquanto ele se enrolava em uma bola, tremendo incontrolavelmente. Sua dor de cabeça havia voltado, o latejar persistente piorado pela turbulência contínua em sua mente.

O encontro na ponte o havia perturbado muito, apenas porque ele não conseguia entender nada, e isso o assustou. Será que realmente foi uma alucinação? Se sim, isso significava que ele estava enlouquecendo?

E ele realmente, mesmo por um momento, contemplou acabar com sua vida?

— Homens Northcott nunca desistem, — ele sussurrou. — Não é verdade, papai? Não é verdade?

Um nó subiu em sua garganta enquanto ele olhava para a silhueta de seu cavalete, que estava embaixo da janela. Amanhã, ele decidiu, vagaria até Montmartre, encontraria um local provável e pintaria uma cena rápida e medíocre à luz do dia. Talvez ganhasse alguns francos. Supondo que o tempo cooperasse, é claro.

Assim que aquele pensamento passou por sua mente, o vento sacudiu sua janela, como se zombasse dele. Ele soltou um suspiro, observando a nuvem desaparecer como um pequeno fantasma. Então ele viu outra.

E algo de repente lhe ocorreu.

Nenhuma vez, ele percebeu, a respiração do estranho ficou nublada no ar frio. Nenhuma vez. O que parecia confirmar suas suspeitas: o homem simplesmente não era real. Todo o encontro foi uma invenção da mente.

— O frio, — ele murmurou, puxando os cobertores mais apertados ao seu redor. — Deve ter sido o frio. Isso é tudo. — À medida que o calor gradualmente voltava aos seus ossos, ele caiu em um sono inquieto.

Quando ele abriu os olhos novamente, foi ao som de um estômago roncando, a visão de padrões folhosos de geada em sua janela... e uma pintura em seu cavalete.

A pintura que ele jogou no Sena na noite anterior.

— Não é possível, — ele sussurrou, sentando-se. — Não é possível.

Por um tempo, ele simplesmente ficou sentado e olhando, congelado no lugar pelo medo, e não pelo frio. Cada evento da noite anterior havia sido questionado. Ele tinha imaginado *tudo?* Ele tinha saído mesmo, ou ficado na cama o tempo todo? Todo o encontro foi um sonho? Ele puxou as cobertas e se aproximou da pintura, seus olhos procurando por sinais de danos.

Não havia nenhum.

Capítulo Dois

NAQUELA tarde, SOBRE as estreitas encostas de paralelepípedos de Montmartre, Josiah vendeu a pintura do Sena a uma senhora idosa adornada com joias por seis francos.

— Você tem talento, — ela disse, obviamente satisfeita com sua compra.

Naquela noite, depois de encher a barriga pela primeira vez em dias, ele voltou para o Pont au Double. O vento havia perdido muito de sua força, embora ainda beliscasse suas orelhas e nariz. Ele pensou por um bom tempo antes de decidir voltar. No final, ele fez isso simplesmente para provar a si mesmo que o encontro da noite anterior tinha sido algum tipo de colapso mental. Ou, de preferência, um sonho bizarro real. Em qualquer caso, ele precisava se reassegurar de sua sanidade.

Ele cruzou a ponte e se sentou em um banco à sombra noturna de Notre Dame. A vantagem dava-lhe uma visão completa da ponte, bem como da área circundante. Ele poderia ver alguém se aproximando. Qualquer um que se aproximasse. Com a temperatura um pouco mais agradável, havia mais gente por perto.

Depois de um tempo, como sempre, seu olhar vagou até a janela circular da catedral. E, como sempre, seus pensamentos se dirigiram para o Norte, para a Inglaterra. Para Yorkshire. E a magnífica casa

senhorial à beira da charneca. Depois desta noite, disse a si mesmo, não voltaria aqui. Ele não queria mais ser lembrado de sua casa. Talvez sua nostalgia tenha ajudado a desencadear as ilusões da noite anterior. Além disso, de que adiantava ser lembrado de Highfield? Ele não tinha intenção de voltar para lá.

— A velha senhora fez uma pechincha, — disse uma voz familiar. — Você poderia facilmente ter pedido dez francos por aquela pintura.

Josiah sentiu o sangue sair de sua cabeça.

— Por favor, — disse ele, sem ousar se virar. — Não sei quem você é e não entendo o que está acontecendo. Estou ficando louco?

Seguiu-se um suspiro suave.

— Não, Josiah, você não está ficando louco, eu juro. Você simplesmente precisa de ajuda, é por isso que estou aqui. Eu não quero te fazer mal. Pelo contrário. Mas você tem que confiar em mim.

Josiah riu.

— Eu nem sei o seu nome.

— Você vai saber, quando for a hora certa.

Ele se virou, então, para ver o cavalheiro sentado ao lado dele, seu rosto de perfil.

— Talvez você deva parar de falar em enigmas, — disse Josiah. — É difícil para mim confiar em alguém que nem mesmo responde às minhas perguntas.

Seguiu-se um aceno de cabeça.

— Um ponto justo, senhor. Tudo bem. Pergunte-me alguma coisa. Algo que ninguém saberia além de você.

— O que isso prova?

— Que eu conheço você. Que eu não sou exatamente um estranho.

— Muito bem. — Josiah ponderou por um momento. — Você sabe por que eu venho aqui com tanta frequência? E sempre à noite?

— Sim, eu sei. É por causa da janela circular. Isso o lembra da que tem em Highfield Hall. Aquele que se ilumina à luz de velas todas as noites. A vela é acesa em memória de...

— O suficiente! — Josiah balançou a cabeça e deu uma risada nervosa. — Isso tudo é um absurdo.

— Ficar aqui é um absurdo, — respondeu o homem. — Além disso, o Natal é a época perfeita para uma reunião familiar.

Josiah gemeu.

— Eu disse a você ontem à noite. Eu não posso ir para casa! Assim não. Sou um fracasso total. Vou parecer o idiota que sou.

— Essa é apenas a sua perspectiva. Como eu disse ontem à noite, posso mudar isso se você permitir. Uma noite. É tudo que peço. Se, pela manhã, você ainda estiver inflexível em ficar aqui, vou deixá-lo em paz.

— E se eu pedir que você vá agora?

— Por favor não faça isso.

— Mas se eu devesse pedir.

O homem deu um sorriso triste.

— Então vou embora, mas com muita tristeza.

— Uma noite, você disse?

— Sim.

— Muito bem. — Josiah coçou a cabeça. — Afinal, o que eu tenho a perder?

O cavalheiro ficou em silêncio por um momento. Então, ele disse:

— Essa sempre foi a ilusão, Joe. Você realmente tem tudo a perder.

JOSIAH NÃO SE LEMBRAVA de caminhar de volta para seu sótão. Ele não se lembrava de subir os quatro lances de escada. Ele não se lembrava de nada até que viu seu reflexo no espelho. Um reflexo com cicatrizes, devido apenas às marcas e falhas no vidro.

— E agora? — Ele perguntou, sem olhar para o homem que estava ao lado dele. Um homem que não tinha reflexo algum.

Mas ele tinha voz.

— Observe, — disse ele.

Josiah piscou e estava olhou para a fachada de Highfield Hall, suas antigas paredes inalteradas pelo tempo, o telhado de ardósia iluminado pelo sol aquoso. O ar cheirava a terra úmida e a brisa, embora suave, era fria. Os jardins pareciam vazios, embora as árvores e arbustos estivessem cheios de botões. Primavera, então.

— Não sei como você está fazendo isso, — murmurou Josiah. — Mas eu sei que não é real.

— Ah, mas era, — respondeu seu companheiro. — A data é 2 de março de 1828. Seu quinto aniversário. Você se lembra disso?

Josiah cerrou os punhos.

— Como você está fazendo isso?

— Você se lembra disso?

— Sim. Bem, pelo menos em parte. Foi no dia em que ganhei Alfred. Mas eu não acho que quero...

— Veja.

Lições Aprendidas

— FELIZ ANIVERSÁRIO, JOSIAH. — Aldous jogou Josiah na sela. — Você gosta dele?

— Eu gosto muito dele, papai. — Josiah pegou as rédeas do pônei. — Decidi chamá-lo de Alfred.

— Uma escolha excelente. — Aldous ajustou os estribos e depois recuou para olhar o filho. — Mãos e calcanhares para baixo. E sente-se um pouco. Espinha em linha, lembra?

— Sim, senhor.

— É isso aí. Queixo para cima e conduza com os olhos abertos. Perfeito. Você está pronto?

— Uh huh.

— Pode ir, então. Algumas vezes ao redor do cercado. Caminhe e trote apenas.

Josiah pressionou os joelhos contra as costelas do pônei e o animal respondeu imediatamente, avançando em uma caminhada alegre. Josiah sorriu de puro deleite. Ele já havia montado Sammy, o velho pônei de Julian, mas agora, finalmente, ele tinha o seu próprio. Um pônei galês, cinza manchado. A melhor cor para um cavalo, segundo sua mãe.

— Continue trotando, — disse ele, estalando a língua e apertando os joelhos novamente. O pônei respondeu sem hesitação, e Josiah postava como havia sido ensinado. Em busca de aclamação, ele olhou para o pai, que estava parado no meio do cercado, com as mãos na cintura.

— Boa forma, meu jovem, — disse o pai. — Bem feito.

Incentivado pelo elogio, Josiah decidiu tentar o galope. Ele agarrou as rédeas com um pouco mais de força e pressionou os calcanhares na barriga de Alfred. O pônei bufou, deu um pequeno salto e avançou. O movimento repentino pegou Josiah de surpresa, jogando-o para trás, para fora da sela, por cima da garupa de Alfredo e no chão. Ele caiu com força de costas e sentiu o ar sair de seus pulmões.

— Josiah! — Seu pai gritou.

Mas Josiah não conseguiu responder. Ele não conseguia nem respirar.

— Josiah. — Seu pai caiu de joelhos ao lado dele. — Oh, meu Deus! Você está bem, filho? Você pode se mexer?

Ele olhou boquiaberto para o pai em pânico.

"Eu não consigo respirar. Não posso..."

— Fale comigo, — disse o pai. — Tente mover as pernas.

Ele conseguiu erguer os joelhos, agitando os braços, ele finalmente puxou um grande gole de ar.

— Papai!

— Oh! Graças a Deus.

— Eu... eu não conseguia respirar.

— Eu sei, eu sei. Está tudo bem. — Seu pai o pegou e o abraçou. — Você estava sem fôlego, só isso.

Josiah se perguntou por que seu pai estava tremendo. Foi porque ele estava com raiva?

— Eu realmente sinto muito, papai, — disse ele, envolvendo os braços em volta do pescoço do pai. — Por favor, não fique zangado.

— Não estou zangado, Josiah. — Ele sorriu e afastou o cabelo do rosto de Josiah. — Embora eu certamente devesse estar. Olhe para a marca que você fez no chão!

Josiah riu e enxugou uma lágrima da bochecha do pai.

— Por que você está chorando, papai?

— Não estou, — respondeu o pai, fungando. — Estou com alguma coisa no olho.

— Oh. — Ele olhou em volta. — Onde está Alfred?

— Ele está ali, parecendo com pena de si mesmo.

— Eu não quero mais montá-lo, papai.

— Por que não?

— Posso cair de novo.

— Por que você caiu dessa vez, Josiah?

— Porque... — Ele ponderou. — Porque Alfred foi rápido demais para mim.

— E isso foi culpa de Alfred?

— Hum, não.

— Não. Você pediu a ele para fazer algo e ele fez. Mas você não estava pronto, não é? É por isso que te disse para andar e trotar. Você não deve fazer nada que não esteja pronto para fazer, caso se machucará. Compreende?

— Sim senhor.

— Bom. Agora, quero que volte para a sela e me mostre novamente como faz Alfred andar e trotar.

— Eu devo?

— Sim, você deve, e imediatamente, ou o medo que você está sentindo agora vai ficar com você. É muito importante desafiar esse medo e derrotá-lo. E eu sei que você vai derrotá-lo, Josiah, porque você é um Northcott, e os homens de Northcott nunca desistem. Lembre-se disso.

JOSIAH PISCOU E olhou para seu reflexo distorcido no espelho onde, apenas um momento antes, ele era um menino de cinco anos olhando para o rosto do pai. Ele ficou em silêncio por um momento, incapaz de falar por causa do nó na garganta.

— Só há uma coisa que eu quero que você tire dessa experiência, — disse o homem. — Você sabe o que é

Josiah pensou por um momento.

— Que os homens Northcott não desistem?

— Não.

— O quê, então?

— Que seu pai mentiu sobre ter algo no olho.

O estômago de Josiah se contraiu.

— Esta é a sua agenda para esta noite? Julgamento por culpa?

— Nem um pouco, — respondeu seu companheiro. — Estamos avançando quase dez anos, agora. Véspera de Natal de 1837. Você se lembra disso?

Memórias Feitas

— VENHA. VAI ser divertido, — disse Josiah, a respeito do irmão mais velho. — Mas conte devagar. Sem trapaça.

Julian bufou.

— Você é que trapaceia, Joe. Por que você não faz a contagem para variar? Estou ficando muito velho para esses jogos infantis.

— Não, você não está, — rebateu Josiah. — Além disso, é tradição. Nós nos escondemos. Você procura.

Julian balançou a cabeça.

— É estupido.

Louisa puxou sua manga.

— Por favor, Julian.

— Por favor, Julian, — Elena e Clara ecoaram, em perfeito uníssono. As gêmeas eram idênticas em mais do que aparência.

O pequeno Arthur, parecendo um tanto perplexo, fungou.

— Por favor, Julian.

— Aposto um xelim que você não vai me encontrar, — disse Josiah.

A sobrancelha de Julian se ergueu.

— Uma aposta, hein? Bem, nesse caso, eu vou brincar. Mas com a condição de que você se esconda em algum lugar da casa. Não fora, como você fez da última vez. Isso foi trapaça.

Josiah sorriu.

— Foi engenhoso.

Um sorriso apareceu no canto da boca de Julian.

— Tudo bem. Tudo pronto? Vão! — Ele se virou para a parede e cobriu os olhos. — Um, dois, três…

Todos eles se espalharam.

Josiah disparou pelo corredor em direção à escada dos fundos e começou a subir de dois de cada vez. Ele chegou ao terceiro andar em minutos, ofegante enquanto parava para ouvir.

De algum lugar lá embaixo vieram guinchos idênticos de risos de Elena e Clara. Josiah sorriu e abriu a pequena porta à sua frente, revelando outro lance de escadas. Com um rápido olhar tranquilizador ao redor, ele entrou, fechou a porta silenciosamente atrás de si e subiu para o sótão.

A escada saía pela janela em forma de T na frente da empena, seu vidro estava opaco por causa da poeira e teias de aranha. Nessa tarde nublada de véspera de Natal, a luz fraca fez pouco progresso no espaço sombrio. As antigas treliças do telhado de Highfield Hall, como uma enorme caixa torácica de carvalho, estendiam-se na escuridão.

Josiah geralmente não era nervoso, no entanto, olhou para as sombras mais profundas com alguma apreensão. O sótão estava longe de estar vazio. Móveis, caixas, baús, tapetes enrolados, retratos cobertos

— todos os tipos de coisas foram armazenados no espaço ao longo dos anos. Tudo isso acrescentou uma dimensão adicional assustador, mas também dezenas de esconderijos.

A ideia de perder uma aposta para o irmão mais velho bastou para acalmar os temores de Josiah. Ele cruzou a soleira entre o claro e o escuro, agachou-se atrás de uma velha poltrona e esperou em silêncio.

Com o passar do tempo, ele começou a ficar inquieto. Primeiro, o sótão estava muito frio, algo para o qual ele não havia se preparado. Em segundo lugar, ele tinha alfinetes e agulhas nas pernas e pés por causa do agachamento. Estremecendo, ele empurrou a velha poltrona para frente para ter um pouco mais de espaço. Então ele se recostou, deixando escapar um grito quando sua coluna colidiu com algo metálico. O fecho de um baú antigo, ele percebeu, e moveu seu traseiro um pouco para a frente.

Então, um pensamento veio a ele. Ele torceu levemente e sentiu a trava, que balançou em sua mão. Desbloqueado!

Um sorriso surgiu em seu rosto. Seu esconderijo acabava de se tornar ainda mais clandestino. Julian certamente havia perdido a aposta. Ele se ajoelhou, mexeu no trinco e levantou a tampa, as narinas dilatadas com o cheiro de mofo. A decepção se seguiu, pois, embora ele não pudesse decifrar nenhum detalhe, poderia dizer que o baú não estava vazio. Um tanto cautelosamente, ele enfiou a mão dentro e tateou, puxando os dedos para trás quando tocaram algo que parecia cabelo.

Ele soprou uma mecha de seu próprio cabelo para longe dos olhos e tateou novamente, ficando mais intrigado a cada segundo. Livros. Uma caixa de madeira. Algo feito de vidro. Uma garrafa? A curiosidade agitou e exigiu respostas. Josiah sentou-se sobre os calcanhares e olhou para

a janela, atraído pela tentação da luz do dia. Não, não valia a pena arriscar um xelim por isso. Ele sempre poderia investigar o mistério do conteúdo depois que a aposta fosse ganha.

"Vou esperar".

Vários minutos depois, o chão de tábuas empoeiradas exibia os rastros de uma arca de madeira que havia sido arrastada para fora de seu esconderijo. Estava, agora, na luz clara sob a janela, salpicado com sua luz, a faixa enferrujada. A epítome de um baú de tesouro. A mão de Josiah pairou sobre o trinco enquanto saboreava a antecipação.

Com sorte, valeria a pena perder um xelim. Ele levantou a tampa e soltou um suspiro suave de admiração.

Os objetos pareciam ter pertencido a uma criança. Um menino, aparentemente. Josiah pegou uma cópia frágil de As viagens de Gulliver. Abaixo disso, uma cópia das Fábulas de Esopo. O cabelo pertencia a um boneco de madeira vestido com um uniforme militar vermelho. Uma caixa de madeira, quando aberta, revelou conter um conjunto de dominós. Mas foi o objeto de vidro que atraiu outro suspiro de Josiah. Pertencia a uma garrafa e, dentro da garrafa, um navio. Um galeão, nada menos, de três mastros.

A quem pertenciam?

Ele mal ouviu a porta se abrir e só percebeu vagamente o som de alguém subindo as escadas.

— Você me deve um xelim, Joe, — disse Julian, e se agachou perto do baú. — Bom Deus. O que é tudo isso?

— Brinquedos. Livros. — Ainda segurando a garrafa, Josiah se levantou. — Eu acho que eles podem ter pertencido ao irmão de mamãe. Tio Julian. O homem pelo qual você foi chamado.

— O NAVIO NA garrafa era o favorito de Julian, — disse Grace, a mãe de Josiah, um pouco depois. Todos se reuniram na sala da frente, onde uma fogueira de carvão ardia intensamente, para examinar alguns dos itens do baú. — O dominó também. Assim que eu tinha idade suficiente, ele me ensinou o jogo e nós jogávamos por horas.

— Posso ver esses dominós? — Aldous estendeu a mão, uma expressão melancólica no rosto. — Provavelmente são aqueles com quem brincamos no dia em que o conheci.

Grace os entregou.

— Que também foi no mesmo dia em que minha mãe morreu.

— Está certo. — Aldous suspirou. — E no dia seguinte foi quando o mal-entendido começou.

— Que mal-entendido, papai? — Josiah perguntou. — Não acredito que conheço essa história. Eu nem sabia que você conheceu o tio Julian. Achei que ele morreu antes de você e mamãe se casarem.

— Sim, mas tínhamos nos conhecido anos antes. Como crianças.

— Conte a história a eles, Aldous, — disse Grace, acomodando-se em sua poltrona. — A véspera de Natal é o dia perfeito para contar histórias.

Aldous grunhiu.

*— Não tenho certeza se eles gostariam de ouvir, minha quer*ida.

— Eu quero! — Louisa chorou. — Conte-nos, papai. Por favor.

— Eu gostaria de ouvir sobre isso, papai, — disse Julian. — Eu sou o nome dele, afinal.

— Muito bem, então. — Aldous, ainda segurando a caixa de dominó, também se recostou na cadeira. — Eu tinha oito anos, o mês era setembro e estava hospedado com meu padrinho em Northcott Manor. Eu tinha dois dias de férias antes de voltar para Londres, então decidi dar uma volta. Acabei aqui, em Highfield, onde conheci seu tio Julian na torre de vigia. Na verdade, ele estava sentado no carvalho, como vocês, filhos, costumam fazer. Enfim, ficamos amigos e ele me convidou para ver seu pônei. Então, eu fui junto.

Aldous fez uma pausa e olhou ao redor da sala.

— Lembro-me de ter pensado em como ele era afortunado por morar em uma casa como esta. Nunca pensei que um dia moraria nela. Enfim, estou divagando. Enquanto estávamos nos estábulos, começou a chover, então entramos para jogar dominó. Agora, tenho que admitir, eu não estava de muito bom humor naquela época. Tudo que eu conseguia pensar era na miserável viagem de volta para casa na chuva. Sua mãe — ele deu um sorriso afetuoso — nascera há muito pouco tempo. Eu podia ouvi-la chorar enquanto jogávamos dominó e, para minha vergonha, o barulho me irritou.

— Papai! — Louisa, sentada em um banquinho perto da lareira, fez uma careta. — Mamãe era apenas um bebê.

— De fato, — Aldous respondeu. — Mas mesmo assim o som me incomodou e silenciosamente desejei que parasse. Então Julian explicou que ela havia nascido cedo, que não era tempo ainda e que estava doente e que talvez não sobrevivesse. Bem, deixe-me dizer a vocês, eu me senti péssimo quando ouvi isso.

— Eu deveria pensar assim!

— Louisa, já chega. — Grace deu a ela um olhar de reprovação. — Deixe seu pai terminar a história dele.

— Para piorar as coisas, — Aldous continuou, — ela realmente parou de chorar logo depois. Mas o silêncio me apavorou depois do que Julian disse sobre sua morte. Eu pensei o pior, o que foi insuportável para mim, especialmente dado o que eu estivera pensando. De qualquer forma, ela começou a chorar de novo pouco depois, então pedi licença e voltei para Northcott.

Josiah se inclinou para frente.

— Foi isso?

— Não, não foi. — Aldous pigarreou. — Resolvi voltar no dia seguinte. Para desculpar do que considerava meu mau comportamento. Eu precisava apaziguar minha consciência. Então lá fui eu. Olhando para trás, eu sabia que algo estava errado assim que entrei no pátio de Highfield. Parecia diferente, de alguma forma. Mas, tendo oito anos, suponho que não me importei muito. Eu estava simplesmente decidido a reparar meu humor no dia anterior. Bati na porta e um lacaio atendeu. Quando pedi para ver Julian, o homem me disse para esperar e fechou a porta na minha cara. Mais uma vez, achei estranho. Então Julian apareceu um ou dois minutos depois, abrindo a porta apenas um pouco. Percebi que ele estava chorando, então perguntei o que havia de errado. 'Ela está morta, Aldous', ele disse. 'Ela morreu ontem à noite'.

O silêncio desceu por alguns momentos.

Josiah ficou inquieto.

— E você pensou que fora mamãe quem morreu.

— Sim. E me senti totalmente doente, ainda mais porque acreditava que havia perdido a chance de reparar meus pensamentos indelicados no dia anterior. Vivi com a culpa daquele dia durante anos e nunca mais vi Julian.

— Oh, papai, — Louise sussurrou. — Que horrível.

Josiah torceu o nariz.

— Esta não é uma história de Natal muito bonita.

Grace sorriu.

— Oh, mas há um final feliz. Um final muito feliz.

— Sim, de fato, — respondeu Aldous.

— Porque, é claro, você descobriu mais tarde que mamãe não tinha morrido, — disse Louisa.

— Correto. Anos depois, eu estava a caminho de Northcott Manor para o Natal, quando fui pego por uma tempestade de neve na charneca. Felizmente para mim, encontrei abrigo em Highfield, e foi quando soube que o bebê, sua mãe, estava bem vivo. Que foi a mãe de sua mãe quem morreu. Sua avó. A parte triste é que também soube que seu tio Julian havia sido perdido em Waterloo.

— Mas você e mamãe se apaixonaram — disse Louisa, suspirando. — Que romântico!

Arthur fez um som sufocado e revirou os olhos.

Aldous sorriu.

— Apaixonamos, casamos e tivemos todos vocês, nossos filhos maravilhosos. Nós nos consideramos muito abençoados. É um final feliz o suficiente para você, Josiah?

— Isso é um final feliz o suficiente para você, Josiah? — O cavalheiro repetiu, enquanto a imagem se desvanecia.

— Sim, claro que é, — disse Josiah, com o peito apertado de emoção. — Lembro-me bem daquele Natal. Mamãe me deixou ficar com o navio na garrafa. Mas isso, então, ficou longe. As coisas mudaram depois disso. Papai e eu começamos a brigar o tempo todo. Ele ficou feliz em me ver partir, eu garanto.

— Bem, vamos ver como tem sido o Natal desde que você partiu, vamos?

Véspera de Natal de 1843

(Do Natal Passado)

Aldous estava sentado junto ao fogo da sala, as mãos agarrando os braços da cadeira, o olhar fixo nas brasas da lareira. Ele se mexeu quando o grande relógio do corredor bateu meia hora, levantando a cabeça para olhar para o relógio na lareira.

Onze e meia.

— Trinta minutos, — ele murmurou. — Só mais trinta minutos.

Atrás dele, a porta se abriu e se fechou com um rangido, seguida de passos suaves no tapete. Aldous fechou os olhos quando uma mão pousou em seu ombro.

Grace se moveu e se acomodou aos pés dele.

— Você se saiu muito bem no jantar, Aldous.

— Sua cadeira vazia na mesa é sempre difícil de ver, — disse ele, — mas é muito mais difícil neste dia em particular. Só tento não deixar transparecer.

— Nossos filhos sabem como você se sente, meu amor. — Ela pegou a mão dele. — Eles também sentem isso.

— Sim, eu sei que eles sabem. — Ele deu um suspiro. — Certamente não fica mais fácil, não é? Lembro-me como se fosse ontem. E já se passaram quatro anos, Grace. Quatro anos! Ele fará vinte e um em dois meses.

— Ele vai voltar para casa um dia. — Uma lágrima escorreu por sua bochecha e ela a enxugou. — Tenho certeza que ele vai.

— Que venha o Ano Novo, vou contratar outro agente para procurá-lo, — Aldous disse, mudando de posição na cadeira. — Vamos tentar Paris novamente. Londres também. Falarei com alguns dos oficiais na próxima vez que estiver na cidade. Verei se eles conhecem alguém que possa ajudar.

— Essa é uma boa ideia. — Grace sorriu e enxugou outra lágrima. — Ouça, Aldous, por que você não vem para a cama? Está ficando frio aqui, e eu não quero que você pegue um resfriado.

Ele balançou sua cabeça.

— Estou bastante confortável, Grace. Não posso deixar de me perguntar onde Josiah está dormindo esta noite. Com sorte, ele está em uma cama quente e não enrolado em algum casebre em algum lugar, morrendo de frio.

Grace se ajoelhou diante dele.

— Por favor, pare com isso, querido. Pare de se torturar.

— Deus, eu gostaria de poder parar. Mas isso é tudo minha culpa, você não vê? Josiah era minha responsabilidade e eu falhei com ele. Eu perdi minha paciência naquela noite. Eu lidei mal com a coisa toda. Eu nunca deveria ter deixado ele ir.

— Aldous, por favor.

— Sim, você está certa. Estou sendo terrivelmente egoísta. Ele também é seu filho. É que não posso... Parece que não consigo... — Um soluço subiu da garganta de Aldous. — Vá para a cama, meu amor. Eu estarei em breve. Por favor, eu realmente gostaria de ficar sozinho um pouco.

— Chega, eu imploro! — Tremendo, Josiah se virou quando outra cena tomou forma diante dele. — Eu já vi o suficiente. Eu entendo agora. Eu vou voltar para casa. Eu prometo.

— A próxima é a imagem final, Joe.

— Eu te disse. Eu já vi o suficiente.

— Isso é diferente. Olhe para isso, por favor.

Ele obedeceu e franziu a testa, sem conseguir entender o que estava vendo. Embora a imagem fosse real, parecia estar congelada, como se o tempo tivesse parado.

— Eu não reconheço isso, — disse ele.

— Eu não esperaria que você reconhecesse.

— Então por que você está me mostrando?

— Porque eu quero que você se lembre disso. Cada detalhe disso.

Josiah olhou para ele.

— Por quê?

— Você saberá por que amanhã.

— É algum tipo de truque?

— Não, na verdade não. — Ele sorriu. — Pense nisso como um cartão de visita.

— Eu não entendo.

— Você vai entender amanhã. Não há nada a temer, eu juro.

Josiah se virou e olhou para a imagem mais uma vez.

— Então, presumo que seja isso, — disse ele. — Você vai embora agora.

— Quero que saiba que tenho plena fé em você, jovem, — respondeu ele, após uma pausa.

— Obrigado.

— De nada.

A imagem começou a desaparecer.

— Eu quis dizer tudo isso.

— Eu sei o que você quis dizer, Josiah.

Josiah considerou seu reflexo desfigurado no espelho.

— Será que algum dia te verei de novo?

A chama da vela tremeluziu em uma resposta silenciosa.

Capítulo Três

JOSIAH ACORDOU COM sol brilhante derramando pela janela. Um sonho escapou instantaneamente de suas mãos. Os eventos da noite anterior inundaram sua mente. Mesmo agora, ele mal podia acreditar na realidade de tudo isso. Certamente, se ele tentasse explicar para alguém — e ele duvidava muito que algum dia faria — eles pensariam que ele era louco. No entanto, algo havia acontecido, imaginado ou não. Algo que o animou e lhe permitiu ver o caminho de casa.

Seu olhar vagou para o cavalete, seus olhos se arregalando. Ele ofegou e se sentou, totalmente acordado assustado pela visão de um papel preso no lugar. Uma paisagem toda branca, implorando por cores.

Josiah jogou os cobertores de lado e foi investigar, passando a ponta do dedo pela trama fina do papel. Ao fazer isso, uma imagem veio à mente e ele olhou para o espelho.

'Eu quero que você se lembre disso. Cada detalhe disso'.

Ele se lembrava. Cada detalhe, tão claro quanto na noite anterior. E por alguma razão, ele sabia que era para ser registrado no papel. Uma tarefa desafiadora, já que ele nunca havia feito retratos antes. Seus dedos, formigando de ansiedade, pairaram sobre os pincéis.

Não adiantava atrasar.

Capítulo Quatro

Highfield Hall

Dia de Natal de 1844

(Nos Dias de Hoje)

GRACE LIMPOU UMA partícula imaginária da toalha de mesa de damasco branco e deu um suspiro suave. A mesa, ornada com seus enfeites de Natal, parecia espetacular, desde a peça central de azevinho e flores secas até o candelabro combinando. Os talheres perfeitamente posicionados foram polidos com um brilho ofuscante, os copos de cristal cintilavam como diamantes e os talheres com borda dourada brilhavam.

Oito lugares.

Aldous iria, como sempre, sentar-se à cabeceira da mesa. Grace se sentaria do outro lado, e as crianças...

Crianças?

Ela sorriu. Sim, eles eram seus filhos, suas crianças, independentemente da idade.

Julian, aos vinte e três, embora nomeado em homenagem ao irmão falecido de Grace, na verdade era parecido com o pai de Grace. Equilibrado e prático. Talvez um pouco prático *demais,* Grace pensou.

Mais velho do que seus anos. Ele também parecia ignorar completamente sua boa aparência.

Louisa, aos dezoito anos, estava prestes a fazer sua segunda temporada. O mero pensamento disso fez Grace estremecer por dentro. A anterior não saiu exatamente como planejado. Louisa, na cidade, era como um peixe fora d'água. Nem tolerava de bom grado o que considerava afetações da alta sociedade. Restava saber, então, como essa nova temporada iria se desenrolar.

Aos dezesseis anos de idade, Elena e Clara tinham mais um ano antes de se apresentarem a sociedade. Grace também não estava pronta para pensar nisso. As meninas eram inseparáveis desde o nascimento, então ela não podia imaginar como elas se ajustariam ao fato de serem casadas.

Quanto a Arthur...

Grace sorriu ao pensar em seu filho mais novo. Seu soldadinho que, aos treze anos, já estava decidido a seguir os passos militares do pai.

Cinco filhos. Dois adultos.

Oito lugares.

As lágrimas turvaram seus olhos enquanto ela engolia a espessura de sua garganta.

— Por favor, deixe ele estar bem, — ela sussurrou. — Por favor.

Uma tábua do assoalho rangeu atrás dela, fazendo-a se recompor. Ela piscou várias vezes e endireitou os ombros caídos. Um par de braços fortes a envolveu e um beijo pousou suavemente em seus cabelos.

— Talvez devêssemos ter ido para Derbyshire, — Aldous murmurou, seu hálito quente contra o ouvido dela. — Passar o Natal com Godfrey.

Grace fungou e se virou para o marido.

— A dor seria a mesma em qualquer lugar, querido.

Ele a puxou para perto, seu peito subindo e descendo.

— Sim, seria.

Grace apoiou a cabeça em seu peito, consolada pelo som de seu coração batendo solidamente sob suas costelas. Seu próprio coração estava como o dele, pois ela sabia que ele continuamente se culpava pela partida de Josiah.

— Ele vai voltar um dia, Aldous, — disse ela. — Eu sei que ele vai.

Ele deu um beijo em seu cabelo.

— Tenho certeza que você está certa.

Grace percebeu a tristeza em sua voz e se endireitou.

— Onde está todo mundo? — Ela perguntou, determinada a conduzir a conversa para um caminho mais alegre.

— Julian e Louisa estão na biblioteca, eu acho. E as gêmeas estão brincando de caça ao dedal de costura com Arthur na sala do Leste.

— Bom. — Ela sorriu. — Bem, acho que vou me preparar para o jantar.

Mas Aldous a segurou no lugar por um momento.

— Eu te amo, Grace, — disse ele. — Eu realmente deveria dizer isso com mais frequência.

— A única coisa de que nunca duvidei é do seu amor, Aldous. — Ela tocou seu rosto e ficou na ponta dos pés para beijar sua boca. — Eu sou uma mulher de sorte.

— UM BRINDE. — ALDOUS ergueu o copo e se levantou. — O tempo pode estar frio, mas nossos corações estão quentes. Que Deus abençoe cada um de nós.

— Cada um de nós, — Grace repetiu, com uma ligeira hesitação em sua voz.

Louisa ergueu o copo.

— Especialmente Joe, onde quer que ele esteja, — disse ela. — Que seu coração esteja feliz e seu estômago cheio.

— Sim, especialmente Joe. — Aldous olhou para a cadeira vazia. — Que ele encontre o caminho de casa um dia desses.

— Ouçam, ouçam, — disse Julian, sua resposta ecoando baixinho ao redor da mesa enquanto todos bebiam.

Suprimindo um suspiro, Aldous sentou-se e pegou o guardanapo. No Ano Novo, ele resolveu tentar mais uma vez localizar seu filho desaparecido. Ou, pelo menos, descobrir o que havia acontecido com ele. Ele olhou para a tigela do que parecia ser sopa de cenoura que um lacaio acabara de colocar diante dele.

— Isso parece delicioso, — disse Grace, sua declaração, ele sabia, destinada apenas para seus ouvidos era como: *Pegue sua colher e coma, Aldous.*

— É verdade, — respondeu ele, pegando na colher.

Naquele momento, a porta se abriu e Tindall entrou na sala com uma pequena bandeja de prata equilibrada em sua mão.

— Com licença, capitão. — Ele disse, parecendo um tanto preocupado. — Recebemos um envelope e um pacote pela porta dos fundos, destinado à sua atenção.

Aldous franziu a testa e pousou a colher.

— Não dá para esperar, Tindall?

— Se desejar, capitão. — O homem estendeu a bandeja, sobre a qual repousavam um envelope e um abridor. — Mas isso estava ligado a ele. Por ser dia de Natal e tudo, achei muito estranho e achei que você deveria ser avisado.

— Quem entregou? — Grace perguntou, enquanto Aldous pegava o envelope.

Ao capitão Aldous Northcott, Highfield Hall.

— Isso é que é estranho, Sra. Northcott, — Tindall respondeu. — Não sabemos quem o entregou. A copeira ouviu uma batida na entrada dos criados, mas quando a abriu, só havia o envelope e o pacote. Nenhum sinal de ninguém.

— Que estranho, — disse Julian, baixando a colher também. — Você está esperando alguma coisa, papai?

— Nada, — Aldous respondeu, abrindo o envelope. — Muito bem, vamos ver do que se trata.

Ele puxou a carta, desdobrou-a e começou a ler.

Recentemente, fui lembrado de que o Natal é uma época de perdão e reconciliação. Também fui levado a acreditar que poderia receber essas coisas neste Natal. Acredito que sim.

Eu oro que assim seja.

Como também é a época da Boa Vontade, ofereço-lhe este presente. A pintura é inspirada em um sonho, não tem sentido para mim. Espero que tenha algum significado para você. Se nada for um sonho, vai me identificar de uma forma que esta carta não identifica.

Também servirá para expressar a pergunta que não tenho coragem de fazer. Confesso que temo um ombro frio, mas mais do que isso, temo uma aceitação baseada apenas na simpatia. Se eu puder escolher, vou escolher o primeiro.

Estarei na torre de vigia, onde o passar do tempo me dará sua resposta.

Aldous sentiu a batida do coração nas costelas e percebeu o tremor em suas mãos.

— Meu Deus, — ele sussurrou.

— O que é, querido? — Grace perguntou. — O que está escrito?

Aldous, sem saber como responder, respondeu balançando a cabeça. Ele leu a carta novamente, sua espinha formigando com algo que ele não conseguia identificar.

— Traga o pacote para mim, Tindall, — disse ele. O homem acenou com a cabeça, gesticulou para o lacaio e os dois saíram correndo.

— Aldous, o que é? O que isso diz? — Grace se levantou. — Você está branco como um lençol. É uma má notícia?

Aldous percebeu o medo em sua voz e se dirigiu a ela.

— Não, Grace, não são más notícias, — ele respondeu, encontrando o olhar dela. — Para ser honesto, eu não tenho certeza do que se trata. Pelo menos ainda não. Eu preciso ver a pintura.

— Pintura? — Ela balançou a cabeça. — Que pintura?

— O que eu acredito que Tindall está prestes a entregar. A carta menciona isso.

— De quem é a carta, papai? — - Louisa perguntou. — É alguém que você conhece?

— Mais uma vez, não tenho certeza, — respondeu Aldous, dobrando-o e colocando-o de volta no envelope. — Não está assinado.

— Um mistério de Natal, — disse Elena.

— Que emocionante, — Clara acrescentou.

— Será que vamos ter permissão para ver a pintura, papai? — Arthur perguntou.

Aldous sentiu os olhos de Grace sobre ele e olhou-a mais uma vez, dando-lhe o que esperava ser um sorriso tranquilizador.

— Sim, Arthur, — Aldous respondeu ao mais novo. — Não vejo porque não.

O lacaio voltou, carregando um pacote grande e achatado embrulhado em linho amarelado e amarrado com barbante.

— Onde devo colocá-lo, capitão?

— Coloque-o na mesa perto da parede, ali. Perfeito. Obrigado. Por favor, avise a cozinha que o jantar será adiado temporariamente.

Aldous esperou até que a porta se fechasse antes de se aproximar do pacote. Grace fez o mesmo, assim como os outros.

— Eu me pergunto o que representa, — disse Louisa. — Talvez seja uma pintura de Highfield.

Julian grunhiu.

— Ou talvez contenha uma imagem inadequada para os olhos inocentes de uma senhora.

— Não tenho mais olhos inocentes, querido irmão, — disse Louisa. — Não desde que visitei Florença no ano passado.

Sua mãe franziu a testa.

— Louisa!

— Se eu achasse que continha algo impróprio, teria todos vocês esperando do lado de fora. Agora, vamos ver o que ele contém. — Aldous desfez o nó e puxou o barbante. Então, prendendo a respiração, ele puxou a cobertura para o lado para revelar a pintura.

A cena ganhou vida; a de um homem e um menino pequeno, este último sentado a uma mesa com um quebra-cabeça incompleto à sua frente. O homem, alto e quase todo vestido de preto, estava de lado, o rosto visível apenas de perfil, a mão direita frouxamente fechada ao lado do corpo. Seu olhar estava fixo no menino, cujo rosto voltado para cima brilhava à luz de uma vela próxima.

— Oh, papai! — Louisa gritou, batendo palmas. — É lindo! Mas quem são eles?

— Parece que é o seu tio Percival, — Grace murmurou. — E o menino parece...

— Eu! — Arthur disse. — Você o conhece, papai?

Aldous não disse nada. Perplexo, sua mente voltou no tempo para um dia em particular. Um dia que ele nunca esqueceria. Quinta-feira,

13 de setembro de 1798. O dia que mudou sua vida. A cena da pintura era um fragmento daquele dia terrível. Uma breve troca de palavras entre um padrinho amado e um menino problemático. Um quadro do passado recriado com precisão por um artista no futuro.

Aldous sabia, sem olhar para a assinatura, quem o pintara. O que ele *não* sabia era como isso tinha sido alcançado. Um sonho notável, de fato, ter capturado o momento com tantos detalhes. E por que essa cena? Era relevante, de alguma forma? O artista nada sabia sobre o incidente. Aconteceu vinte e cinco anos antes mesmo de ele nascer.

Ninguém sabia disso.

Nem mesmo Grace.

Grace se aproximou e se curvou para ler a assinatura no canto inferior direito. Aldous prendeu a respiração mais uma vez, já sabendo que nome ela veria.

Ela deu um pequeno suspiro e virou os olhos arregalados e cheios de lágrimas para ele.

— Aldous?

— Eu sei, Grace.

— Oh, meu Deus. Isso é algum tipo de brincadeira cruel?

— Não, acho que não, meu amor. — Ele entregou a carta a ela, seguida de um beijo na bochecha. — Eu tenho que sair um pouco. A carta explicará o porquê. Não vou demorar. Enquanto eu estiver fora, acenda o fogo e mais velas. Quero que este lugar pareça o mais acolhedor possível. E mande a sopa de volta para a cozinha e deixe-a reaquecida. Quando eu voltar, vamos começar o jantar novamente. E desta vez, quero ver vinho em todas as oito taças.

Só quando Aldous encolheu os ombros em seu casaco é que isso lhe ocorreu. Ele se lembrou da carta e de uma linha em particular.

A pintura, inspirada por um sonho notável, não tem sentido para mim. Espero que tenha algum significado para você.

Talvez sim. Talvez a mensagem estivesse nas palavras ditas por Percival naquela noite, anos atrás. Eles voltaram para ele como se tivessem falado ontem.

— Se houver alguma coisa o incomodando, você sempre pode vir até mim. Eu nunca vou te julgar.

Um legado de palavras para um filho pródigo?

Aldous sorriu, calçou as luvas e saiu ao luar.

JOSIAH SOPROU EM suas mãos, bateu os pés contra o frio e manteve os olhos no caminho de Highfield iluminado pela lua. Ele decidiu esperar uma hora antes de desistir. Claro, não ter um relógio significava que ele teria que adivinhar quando uma hora realmente havia passado. Até agora, ele estimou que cerca de metade desse tempo havia se passado.

Ele não deveria estar aqui agora?

Apesar das visões das lágrimas de sua mãe e das declarações de seu pai, ele ainda tinha dúvidas sobre sua aceitação de volta à família. Até que ele realmente viu seu pai se aproximando, não ousara acreditar que a convocação seria respondida.

Ele vendeu tudo o que possuía para conseguir sua passagem de volta para a Inglaterra. Seu cavalete, suas tintas, seus pincéis. Até o espelho com marcas de pústulas em seu quarto. Consequentemente,

ele estava com as únicas roupas que tinha, talvez com um ou dois xelins no bolso.

Mas ele estava aqui. Ele estava em casa.

Uma rajada de vento farfalhou a hera na torre de vigia, chamando sua atenção. A ruína parecia uma silhueta negra ao luar, misteriosa e ameaçadora. Josiah nunca temeu o lugar. Em vez disso, alimentou sua imaginação, assim como o poderoso carvalho que ficava em frente. Dois marcos, sentinelas por séculos, impermeáveis aos elementos. Ver a vasta extensão da charneca novamente deu a ele uma estranha sensação de infinito que agitou seu sangue. Ver Highfield novamente trouxe um nó em sua garganta. Quando ele entregou o quadro mais cedo naquela noite, a janela circular estava na escuridão. Obviamente, o ritual de acender a vela ainda não havia acontecido.

Ele voltou sua atenção para a estrada, sua respiração presa ao ver uma silhueta negra, a de um homem, caminhando em sua direção. Ainda a alguma distância, os detalhes mais sutis da aparência do homem não podiam ser vistos. Mas Josiah reconheceu seu pai imediatamente. Um som irrompeu de sua garganta. *Devo ir recebê-lo?* Ele se mexeu. *Sim eu devo. Eu devo encontrá-lo no meio do caminho.*

Com os nervos fervilhando como abelhas em seu estômago, ele partiu, praticando o que diria quando eles se encontrassem e esquecendo cada palavra ao se aproximar. Ele parou a menos de dois metros de onde seu pai estava agora, ambos banhados pelo luar.

Seu pai parecia um pouco mais velho, talvez, mas estava tão elegante e ereto como sempre. Vê-lo revelou-se difícil à luz fraca. Certamente, a expressão em seu rosto revelava pouco.

— Olá, papai. — Josiah cerrou e abriu os punhos. — Obrigado por ter vindo. Eu... eu não tinha certeza se você viria.

Seu pai franziu a testa, seu olhar crítico varreu Josiah da cabeça aos pés.

— Antes de prosseguirmos, Josiah, — disse ele, — quero deixar algo bem claro. E isto é, não importa onde você esteve ou o que fez. Quando você me chamar, seja por uma carta sem assinatura ou por um maldito pombo-correio, sempre irei procurá-lo. Você me ouviu? E se, por algum motivo, eu não puder responder à sua convocação, enviarei alguém em meu lugar. Mas eu juro que nunca vou te ignorar. Eu nunca vou *abandonar* você. — Sua mandíbula tremeu. — Nada disso foi sua culpa, filho. Foi inteiramente minha. Eu falhei com você e sinto muitíssimo. Por favor me perdoe.

— Mas você não me falhou! — Josiah piscou para conter as lágrimas. — Eu sou o fracasso, papai. Eu te decepcionei. Foi meu org...

— É o suficiente! — Ele deu um passo à frente e tocou o rosto de Josiah. — Chega, Joe. Você voltou para casa e isso é tudo que importa para mim. Eu tenho saudade de você. Todos nós sentimos sua falta.

— Também senti sua falta, papai. — Josiah enxugou uma lágrima da bochecha do pai. — Por favor, não chore.

— Não estou chorando, — respondeu o pai, fungando. — Estou com alguma coisa no olho.

AS BOAS-VINDAS AO LAR foram calorosas. Lágrimas, especialmente de sua mãe, fluíram por um tempo, como esperado. Mas depois todos se divertiram. Nem por um momento Josiah se sentiu deslocado ou tratado como uma esquisitice. Era como se ele tivesse partido há pouco tempo, a diferença sendo, é claro, a mudança notável em seus irmãos,

especificamente em Louisa. Não era mais uma menina, mas uma bela jovem prestes a começar sua segunda temporada. Ainda teimosa como sempre, parecia.

— Mamãe e tia Juliana estão decididas a ter um casamento decente para mim, — Louisa murmurou para Josiah, — mas eu me recuso a ser empurrada para um casamento que não quero.

As gêmeas também não eram mais crianças, mas estavam à beira da feminilidade. Com sua estatura delicada, porém, elas lembravam a Josiah duas bonequinhas.

— Não as subestime, Joe, — dissera o jovem Arthur, protegendo a boca com a mão. — Seria um grande erro. Elas não são tão frágeis ou tão doces quanto parecem.

Julian, é claro, já era adulto quando Josiah partiu. Ele agora estava mais maduro, talvez. Mais urbano. Ainda sério na superfície, pensou Josiah, mas agora havia um brilho em seus olhos. Ou talvez sempre tivesse estado lá, invisível para o eu mais jovem de Josiah. Certamente, devido à sua maturidade mútua, a diferença de idade de dois anos era muito menos evidente.

Depois do jantar, sua mãe o chamou de lado.

— Você vem comigo para acender a vela, Josiah?

Ele tinha ido, é claro, sua mãe derramando outra lágrima enquanto ele colocava a chama no pavio da vela.

— Houve um tempo, não muito tempo atrás, — disse ele, — em que nunca pensei que olharia para esta janela novamente.

— E nunca desisti de acreditar que você voltaria para casa, — disse ela, colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha dele. — Eu orei por você, Joe. Toda noite.

MUITO MAIS TARDE, QUANDO seus irmãos e sua mãe se recolheram, Josiah ficou à mesa do console e contemplou sua pintura. Todos o elogiaram por isso. Exceto seu pai.

— É notável que você o tenha pintado a partir de um sonho, — disse sua mãe antes. — O homem parece uma versão jovem de seu tio-avô Percival. E o menino se parece muito com Arthur. Ou talvez como seu pai deve ter parecido quando era menino. O detalhe é adorável.

Josiah rapidamente percebeu quem ele pintou. Ele também percebeu que ninguém realmente entendeu o que isso significava. Exceto seu pai.

Agora, finalmente sozinho com ele, Josiah esperou.

— Você conhece a história de como conheci seu tio Julian e o subsequente mal-entendido sobre sua mãe. — Com um copo de vinho do porto na mão, seu pai veio ficar ao lado dele. — Eu contei isso na véspera de Natal há vários anos. Você se lembra?

— Sim, eu lembro.

— Bem, a cena que você pintou é do dia daquele mal-entendido. O menino sou eu. O homem é meu padrinho.

— Tio-avô Percival.

Ele assentiu.

— Eu juro que o homem me entendia melhor do que meu pai. Ele percebeu que eu estava perturbado e perguntou se eu estava guardando algo para mim mesmo. E eu estava, é claro, mas neguei.

Não tenho dúvidas de que ele sabia que eu estava mentindo, mas não persistiu. *Se houver algo o incomodando,* disse ele, *você pode sempre vir até mim. Eu nunca vou te julgar.* Foi um breve momento da minha vida, mas que ficou comigo. Lembro-me de me sentir muito sozinho naquele dia. Isolado em meu desespero. Mas tio Percival me disse que eu *não estava* sozinho. Que se eu precisasse dele, ele estaria para mim. Não importasse o que. Todos nós precisamos de alguém assim em nossas vidas, Josiah. E essa, eu acho, é uma mensagem que ele queria que eu passasse para você. — Ele ergueu o copo para a pintura. — Que todos esses detalhes vieram para você em um sonho está além de extraordinário, devo dizer.

Josiah percebeu uma pitada de ceticismo divertido na voz do pai.

— Talvez você tenha me contado sobre esse encontro uma vez, papai, e ele permaneceu comigo também.

— Talvez eu tenha. — Ele colocou a mão no ombro de Josiah e apertou. — Não tem importância. Estou indo para a cama, filho. Amanhã, decidiremos onde pendurar o retrato. Estou me inclinando para a biblioteca.

— Sim, seria um bom lugar para isso.

Seu pai o observou por um longo momento.

— Vou dormir bem esta noite, — disse ele por fim, — sabendo que meu filho está de volta sob este teto.

Josiah sorriu.

— Acho que vou dormir bem também.

— Feliz Natal, Joe.

— Feliz Natal, papai.

Um pouco depois, Josiah abriu a porta de seu quarto e entrou, o abajur a gás em sua mesinha de cabeceira lançando um brilho aconchegante sobre o espaço. Era exatamente como ele se lembrava, com sua cama de dossel azul, sua cômoda de mogno e o navio-na-garrafa do tio Julian em cima da escrivaninha.

Algumas roupas foram colocadas em sua cadeira — doadas por Julian, sem dúvida — e uma camisola fora colocada na cama. A cama estava aquecida, e o contorno de uma panela de aquecimento podia ser visto sob a colcha.

Uma cama quentinha. Josiah sentiu uma pontada repentina e inesperada de lágrimas e jurou silenciosamente que nunca consideraria nada mais generoso.

Ele vagou até sua janela e moveu a cortina de lado para olhar através da charneca.

— Estou em casa, — ele sussurrou, quando a imagem de seu companheiro fantasmagórico surgiu em sua mente. — Feliz Natal, tio-avô Percival. E que Deus te abençoe.

